



Beleza pura

Djanira na janela e outros poemas, de Cleusa Bernardes

Cláudia Sampaio*

O que um poeta quer dar ao mundo, senão beleza? Cinza, colorida, metrificada, em versos livres... Cada um escolhe produzi-la de um jeito, seja por dicção ou pela afinidade com o momento em que a palavra “pisca o olho”. Como diz Cleusa Bernardes, no poema “Belo, belo”: “a beleza não tem hora nem lugar”.

“Belo, belo” é parte da seção “Abri o meu pano na praça”, que está na sequência do “poema longo” “Djanira na janela”. Ao todo são cinco seções, além das duas já citadas: “Colar de contas”, “Eu viajo de carona...” e “Filosofia de boteco: a arte de jogar conversa fora”.

O livro de estreia de Cleusa Bernardes resultou de um cuidadoso projeto literário: nota-se pela sensível e coerente edição dos poemas, pelos diálogos que a poeta estabelece com seus pares (Mário Quintana, Vinicius de Moraes, Cecília Meireles, Cora Coralina, Álvares de Azevedo, Chico Buarque) e pelo desejo de compartilhar com o leitor o que ela traz de sua conversa poética íntima com Manuel Bandeira: “Quero a delícia de poder sentir as coisas mais simples da vida”. O verso de Bandeira é parte de um de seus dois poemas intitulados “Belo belo”, publicado em *Lira dos cinquenta anos* (1940), que começa com a estrofe: “Belo belo belo/ Tenho tudo quanto quero”.

O outro “Belo belo” de Bandeira está na coletânea de poemas

* Doutoranda em Teoria Literária (UFRJ).

de mesmo título publicada por ocasião da edição de sua *Poesia completa e prosa*, pela José Aguilar (1967), e começa assim: “Belo belo minha bela / Tenho tudo que não quero”. Na abertura, a “Nota preliminar” de Sérgio Milliet faz menção à *Lira dos cinquenta anos*, chamando-a de “espetáculo de inspiração admiravelmente livre [...] uma tranquila serenidade, um amadurecimento cheio de seiva”. Eis o espelho onde se mira Djanira. O livro é toda uma ode às coisas simples da vida, um convite ao prazer de se permitir jogar conversa fora e olhar pela janela.

E da janela de Djanira dá pra ver o mundo inteiro.

Em “Colar de contas”, lemos pequenos poemas e experimentações, como “Espelho”:

ojev em edno
uos oãn sam

Há outros momentos em que Cleusa se arrisca na brincadeira das palavras com o espaço, como no poema “Pêndulo”, que parece caminhar no sentido do concretismo, mas funde lirismo e ironia para se afastar da suposta matriz e emocionar:

Meu pai era poeta.
Com cal e areia
tijolo e cimento
o prumo e o metro
assobiava e cantava
um poema concreto.
 (“Poesia concreta”)

O diálogo com os poetas está sobretudo em “Eu viajo de carona”, e novamente é Bandeira quem surge com mais nitidez. Inclusive na homenagem que a autora presta a Cecília Meireles.

Em “Improviso”, que integra a coletânea *Belo belo*, Bandeira escreveu os célebres versos: “Cecília, és libérrima e exata”. Já Cleusa diz:

Cecília fala de nuvens
de céu, de amor e de mar
ai, Cecília!
depois do que tu disseste
que tenho eu para falar?

Assim, o leitor é levado à literatura, à rua, aos bares, é tocado pelo vento, pela chuva e por redemoinho.

O título do livro faz pensar na pintora brasileira Djanira (1914-79), que no auge de sua arte pintou os costumes e as cenas cotidianas e sempre gostou de ser reconhecida como mulher do povo. Encontramos esta mulher em *Djanira na janela e outros poemas*, a mulher que abre seu pano na praça, que viaja de carona na poesia de seus poetas prediletos, que, à moda de certa voz da atual poesia portuguesa, tece no bar sua filosofia, e que propõe, em dias tão agitados, o desafio de olhar para dentro, de si e da vida, e ver poesia até nas bolhas de desinfetante do vaso sanitário:

veja as bolhas
irisadas
de pinho
sol
sobre a água
do vaso
sanitário
a beleza não tem mesmo
nenhum critério
 (“Belo, belo”)

Há os que escrevem para poucos, numa erudição necessária mas restrita, há os que escrevem para muitos e nem sempre se livram dos grilhões de best-seller, e há os que querem da linguagem nada menos que a revolução. E em tempos de um transbordamento que nos deixa tontos com tantas informações e possibilidades, revolução é criar mundos “de dentro”, belos belos, e se deixar levar aos lugares a que as palavras nos convidam – e o convite é mesmo sedutor:

de vez em quando
uma palavra
me pisca o olho
 aí eu vou [...]
 (“Poesia”).